



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

GISÉLIO MARQUES PEQUENO FILHO

**LINHA DE PESQUISA: O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO
FUNDAMENTAL E MÉDIO**

O ESTUDO DO MEIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

**GUARABIRA – PB
2013**

GISÉLIO MARQUES PEQUENO FILHO

O ESTUDO DO MEIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba como requisito para obtenção do grau de
Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^ª. Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar

**GUARABIRA – PB
2013**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

P349e Pequeno Filho, Gisélío Marques

O estudo do meio no ensino de geografia / Gisélío Marques
Pequeno Filho. – Guarabira: UEPB, 2013.

53 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia)
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar.

1. Educação Brasileira 2. Metodologia do Ensino 3.
Geografia – Ensino e Estudo. I. Título.

22.ed. CDD 371.981

GISÉLIO MARQUES PEQUENO FILHO

O ESTUDO DO MEIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Data de aprovação: 13/08/2013

Banca examinadora:

Maria Juliana Leopoldino Vilar
Prof. Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar / UEPB
Orientadora

Francisco Fábio Dantas da Costa
Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa
Examinador

Cléoma Maria Toscano Henriques
Prof. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques
Examinadora

Aos meus pais, Gisélio Marques Pequeno e Maria Célia Cruz Marques, por terem me conduzido durante toda minha vida com amor e responsabilidade, proporcionando-me uma educação de qualidade.

A minha esposa Roberivânia Soares Barbosa Marques e aos meus filhos, Gisélio Marques Pequeno Neto, Gustavo Felípedes Soares Marques e Gabriela Soares Marques, por compartilharem ao meu lado todas as minhas dificuldades encontradas nesse curso, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por Nele confiar e encontrar forças para encarar as duras batalhas que a vida nos proporciona, e por através de minha fé cristã, procurar respeitar as diferenças entre as pessoas, mesmo aquelas que não comungam com os meus conceitos de vida;

Aos meus pais, o senhor Gisélío Marques Pequeno, de quem me orgulho muito de ser filho. Pedreiro, honesto, bondoso, respeitoso e um excelente pai, que me deu condição de estudar, mesmo não tendo uma formação educacional. E a minha mãe, que me gerou em seu ventre e pôs-me no mundo, acompanhando meus passos e guiando-me pelos caminhos retos da vida. A vizinho Antônio e vizinha Mila (*In memorian*), de quem tanto sinto saudades, agradeço de coração a esses grandes professores que sempre me protegeram;

A todos os professores que passaram em minha vida, principalmente os da graduação, a exemplo da minha orientadora neste TCC, Prof^ª. Especialista Maria Juliana Leopoldo Vilar, que dedicou momentos de atenção de sua vida profissional a esse meu trabalho.

Fraternalmente, a todos os amigos da turma 2009.2 tarde, como também aos amigos Gilmar Anízio e José Ailton do Nascimento, que foram grandes incentivadores dessa minha conquista.

De modo geral, aos meus filhos, Gisélío Marques Pequeno Neto, Gustavo Felipedes Soares Marques, Gabriela Soares Marques e a minha querida esposa que tanto amo, Roberivânia Soares Barbosa Marques, pois, juntos, durante a minha formação, dividimos momentos marcantes, que serviram e servirão como prova de nossa união, os quais são também, a minha razão de viver.

Agradeço todas as dificuldades que enfrentei; não fosse por elas, eu não teria saído do lugar. As facilidades nos impedem de caminhar. Mesmo as críticas nos auxiliam muito.

Chico Xavier

043 - Geografia**Titulo: O ESTUDO DO MEIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA****Linha de Pesquisa: Ensino de Geografia na educação fundamental e médio****Autor: GÍSÉLIO MARQUES PEQUENO FILHO****Orientadora: Prf^ª. Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar - DG/ CH/ UEPB****Examinador: Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa - DG/ CH/ UEPB****Examinadora: Prof^ª. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques - DG/ CH/ UEPB****RESUMO**

A produção desse trabalho foi direcionada à utilização de um recurso didático analítico no Sistema Dinâmico Ensino, com a turma do 8º ano A, localizado no município de Alagoa Grande-PB, que pode ser empregado nas aulas de Geografia e outras disciplinas. O recurso utilizado foi o desenvolvimento de um Estudo do Meio da comunidade remanescente de quilombo de Caiana dos Criolos, também situado no município citado, buscando contextualizar o material didático encontrado em sala de aula com a realidade que cerca tal comunidade. Esse Estudo do Meio foi coordenado pela disciplina de Geografia, que teve a integração das disciplinas de História e Artes que, juntas, desempenharam um papel interdisciplinar na construção do conhecimento. A utilização de formas diferenciadas de aplicar os conteúdos escolares, como foi desenvolvido nesse Estudo do Meio, serviu como base para essa produção textual, buscando demonstrar aos professores das mais variadas disciplinas que o processo de ensino e aprendizagem no âmbito escolar, precisa acontecer em alguns momentos de forma integradora entre as mesmas. Nessa perspectiva é possível afirmar que a utilização de formas variadas de aplicar as aulas de Geografia contribui para a quebra de um diagnóstico prévio que se tem dessa disciplina, classificando-a como enfadonha e decorativa, apresentando uma proposta prazerosa ao ensinar, como também ao aprender. Como base teórica foram utilizadas diversos autores, a exemplo de Pontuschka, Paganelli e Cacete, Celso Antunes, Roberto Lobato Correia, Helena Callai, Antonio Carlos Castrogiovanni entre outros.

PALAVRAS CHAVE: Disciplina de Geografia. Metodologia. Estudo do Meio.

043 - Geografia

Título: O ESTUDO DO MEIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Linha de Pesquisa: Ensino de Geografia na educação fundamental e médio

Autor: GÍSÉLIO MARQUES PEQUENO FILHO

Orientadora: Prf^ª. Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar - DG/ CH/ UEPB

Examinador: Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa - DG/ CH/ UEPB

Examinadora: Prof^ª. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques - DG/ CH/ UEPB

ABSTRACT

The production of this work was directed to use a teaching resource in Analytical Dynamic System Education, with the class of 8th grade, located at the city of Alagoa Grande-PB, can be used in lessons of geography and other disciplines. The feature used was the development of an Environmental Studies community quilombo of Caiana of niggers, also located in the city said, seeking to contextualize the learning materials found in the classroom with the reality that, about this community. This Environment Study was coordinated by the discipline of Geography, which was the integration of the disciplines of History and Arts, where together, these disciplines have played a role in the construction of interdisciplinary knowledge. The use of different ways of applying school content, as developed in Environmental Studies, served as a basis for textual production, seeking to present to teachers of various disciplines, the process of teaching and learning in schools, needs to happen in integrating in a few moments therebetween. In this perspective it is clear that the use of various forms of applying the lessons of Geography, contributes to the breakdown of a previous diagnosis that has this discipline, classifying it as boring and decorative, presenting a proposal agreeable to teach but also to the learn. Were used as the theoretical basis several authors to Pontuschka example, Paganelli and Baguette, Celso Antunes, Roberto Lobato Correia, Helena Callai, Antonio Carlos Castrogiovanni among others.

KEYWORDS: Discipline of Geography. Methodology. Environmental Studies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização geográfica do município de Alagoa Grande, Paraíba, Nordeste do Brasil.....	36
Figura 2 - Estudo do Meio da Remanescente de Quilombo de Caiana dos Criolos.....	39
Figura 3 - Estudo do Meio da Remanescente de Quilombo de Caiana dos Criolos.....	45
Figura 4 - Avaliação dos resultados do Estudo do Meio.....	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A EDUCAÇÃO BRASILEIRA NA CONTEMPORANEIDADE	13
1.1 <i>O ensino de geografia no Brasil</i>	16
1.2 <i>Primeiras obras e os eventos políticos</i>	19
1.3 <i>Abordagens metodológicas no ensino de geografia</i>	23
2 O ESTUDO DO MEIO COMO FORMA INTEGRADA DO SABER	26
2.1 <i>A funcionalidade do estudo do meio</i>	26
2.2 <i>A aula de campo como ferramenta metodológica no estudo do meio</i>	30
2.3 <i>A interdisciplinaridade como recurso fundamental para a aplicação do estudo do meio em geografia</i>	33
3 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE E DA COMUNIDADE CAIANA DOS CRIOLOS	36
3.1 <i>Aspectos geográficos</i>	36
3.2 <i>Fatos históricos</i>	37
3.3 <i>Contexto social</i>	38
4 RECONHECIMENTO DA REMANESCENTE DE QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIOLOS	41
4.1 <i>Metodologia</i>	42
4.2 <i>O estudo do meio e o emprego do conhecimento literário sobre a comunidade estudada</i>	43
4.3 <i>A contextualização e aula de campo</i>	44
4.4 <i>O processo de avaliação do estudo do meio de Caiana dos Criolos</i>	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERENCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

A educação escolar brasileira ao longo de sua história conheceu e vivenciou diversificados momentos que contribuíram com a evolução da produção do conhecimento nas mais variadas disciplinas curriculares. No que tange à Geografia, essa disciplina sempre foi tarjada como decorativa e enfadonha, provocando muitas vezes certo receio dos alunos com relação ao seu aprendizado. Com base nessas definições e modificações legislativas no que diz respeito à educação muitos profissionais da docência buscam quebrar a monotonia cotidiana das aulas de Geografia, fazendo uso de diversas ferramentas metodológicas que tornem as aulas mais dinâmicas, reflexivas, descontraídas e contextualizadas.

O objetivo geral dessa discussão busca apresentar uma proposta metodológica no ensino de Geografia de forma contribuidora no processo de ensino e aprendizagem, apresentando uma ferramenta metodológica diversificada da rotina em sala de aula. Quanto aos objetivos específicos, trata-se de desenvolver uma relação interdisciplinar dentro do ambiente escolar, quebrando as distâncias relacionais entre professores e disciplinas, bem como busca proporcionar uma contextualização do material didático com as realidades que cercam toda comunidade escolar, além de despertar nos alunos e nos professores envolvidos nesse Estudo do Meio o gosto pela pesquisa e a parceria no processo de construção do conhecimento.

A produção dessa monografia pauta-se na realização de uma atividade metodológica que ultrapassa as dimensões físicas de uma escola de ensino fundamental e médio do município de Alagoa Grande-PB. Toda movimentação para a realização dessa produção textual se deu no Sistema Dinâmico de Ensino, com alunos da turma do 8º ano, sobre a regência da disciplina de Geografia no ano de 2012, coordenando a realização de um projeto de pesquisa interdisciplinar, integrando as disciplinas de História e Artes, como também a coordenação pedagógica da citada escola.

Como parte integradora na formação do conhecimento escolar e conciliando a realização desse trabalho monográfico, foi desenvolvido um Estudo do Meio sobre a comunidade remanescente de Caiana dos Criolos, localizada a 13 Km do centro de Alagoa Grande. Mediante tantos recursos e metodologias que são aplicadas às práticas de ensino, o Estudo do Meio, surge como uma possibilidade de proporcionar a relação dos saberes entre

alunos, professores e disciplinas. Essa prática leva todos os envolvidos a realizar uma reflexão, repensando algumas colocações preexistentes sobre uma determinada discussão de forma interdisciplinar.

No Brasil o Estudo do Meio remota-se aos primeiros anos do século XX, com a implementação dessa prática em algumas escolas estimuladas por culturas européias (PONTUSCHKA, 2004). A autora ainda aponta a fase da educação brasileira classificada como Escola Nova, o momento em que esse método de ensino se manifesta nesse território, sendo privilégio de alguns estabelecimentos de ensino ter em suas atividades curriculares a implementação dessa prática.

Esse estudo relacionou-se com o conteúdo aplicado em sala de aula durante o 4º bimestre da disciplina de Geografia, já que o mesmo discutia o continente africano e a presença histórica de africanos no Brasil, trazidos pelos europeus durante o período de exploração da colônia brasileira para trabalharem de forma escrava. No município de Alagoa Grande-PB é possível constatar a presença de uma remanescente de quilombo que fortalece a história dos fatos que cercam todo processo de povoamento e miscigenação do povo brasileiro. A comunidade estudada procura preservar seus costumes, mesmo com as influências das inovações tecnológicas da época, tendo como referência algumas lideranças locais que buscam de alguma forma se reconhecerem cultural, social e religiosamente.

Todo procedimento para realização desse Estudo do Meio, foi pautado em um pré-projeto apresentado e aprovado pela coordenação do Sistema Dinâmico de Ensino. Em seguida, foi apresentado aos professores das demais disciplinas. Após a apresentação da proposta de se estudar de forma integrada a comunidade de Caiana dos Criolos, houve a adesão para participar dessa atividade apenas por parte dos professores das disciplinas de História e Artes.

Levando em consideração as etapas realizadas dessa atividade, o primeiro passo deu-se com a apresentação da proposta. Posteriormente, houve encontros com as disciplinas envolvidas para traçarem metas; depois, apresentação da atividade aos alunos e a realização e avaliação dos mesmos. A metodologia adotada foi a contextualização do material didático trabalhado em sala de aula com a realidade local da comunidade estudada de forma interdisciplinar, produzindo um olhar geográfico, histórico e cultural.

Como resultado da realização desse Estudo Meio, foi possível constatar a forma proveitosa que os alunos envolvidos absorveram e produziram o conhecimento. Com isso podemos ter dado início à realização de pesquisas futuras que venham ser concretizadas

por esses alunos no momento em que os mesmos se encontrem na graduação acadêmica, proporcionando o desenvolvimento científico que possa contribuir com toda com o processo de formação da sociedade brasileira.

1 A EDUCAÇÃO BRASILEIRA NA CONTEMPORANEIDADE

O processo de formação educacional no Brasil está atualmente pautado por uma legislação que afirma o compromisso da União, do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios com o desenvolvimento dessa prática. Trata-se aqui da Lei de Diretrizes e Bases, conhecida por LDB, de nº 9.394, de 20 de novembro de 1996, a qual se coloca no compromisso de organizar e desenvolver o ensino e a aprendizagem educacional nas escolas brasileiras. A LDB, em seu artigo 2º, alude aos princípios e fins da educação no Brasil, afirmando o compromisso não só da União, como também da família e de desenvolver a educação em todos os seguimentos da sociedade:

A educação, dever da família e do Estado, inspirado nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

E se é dever dos poderes governamentais que legislam nosso país, os mesmos devem cumprir com as Leis que guardam os direitos de todas as crianças e adolescentes de freqüentarem a escola, mesmo que estes estejam fora da idade prevista para determinado estágio de sua formação educacional, segundo as metas desse país. O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069/90, reza pela direito e prioridade do estudante, seja ele criança, seja adolescente, de frequentar um estabelecimento de ensino que esteja mais próximo de sua residência, haja visto que a facilitação do acesso à escola contribua no processo educativo. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), todas as diferenças existentes entre as crianças e adolescentes devem ser respeitadas e valorizadas como forma de contribuição para o pleno desenvolvimento dos mesmos.

É fato que o ensino básico no Brasil tem sua grade curricular composta por diversas disciplinas reconhecidas pela LDB (1990) e pelos PCNs, quando juntas desenvolvem um programa objetivando a preparação do educando para o trabalho e a cidadania. Para alguns autores como Vesentini (2010), a escola é tida como instrumento auxiliador do Estado e da burguesia que serve para atender as necessidades do capitalismo.

(...) o sistema escolar moderno não surgiu por acaso e muito menos foi pensado e iniciado a partir de baixo, dos interesses dos dominados ou dos

excluídos. Ele foi construído por cima, pelo estado instrumentalizado pela burguesia que se tornava a classe hegemônica, seja forma clássica do empresariado, seja na forma das democracias de Estados centralizadores (...) (VESENTINI, 2010, p.16).

A fragilidade de algumas classes sociais que estão sujeitas a atenderem ao domínio do Estado, sendo através da escola que ocorrem às reproduções do capitalismo. Daí então, compreende-se que o capitalismo apresenta, até certo ponto, interesse pela formação educacional da sociedade, mas com visões de interesse próprio, e não como forma de querer contribuir com o desenvolvimento social. As Leis vigentes no país, direcionadas para a educação, buscam o desenvolvimento da mesma, mas o autor acima chama a atenção para as formas e objetivos que são traçados nesse processo.

Para Carlos (2010), de forma geral, o discurso que envolve o processo da educação sujeita-se às pressões formadas pela crescente globalização, em que a mesma cria uma divisão que preocupa a formação educacional, compreendida em formação e informação. Segundo a autora, ambas as formas têm significados diferentes, quando formação passa a ser antecedida pela informação, criando assim, um clima crítico no ensino.

Num mundo em que a informação passa para o primeiro plano, como signo de distinção social, a “formação” do cidadão na escola tem passado para o segundo plano, instalando um período de crise no ensino, numa sociedade em que a informação se confunde com a formação. O tempo da informação é rápido, seu ritmo é veloz, em pouco tempo tudo se torna obsoleto. Já o processo de formação envolve um outro tempo, aquele da reflexão, radicalmente diferente do imposto pelo desenvolvimento técnico (CARLOS, 2010, p. 7).

Levando em consideração a colocação da autora, deve-se observar com precisão as dicotomias que podem ser desenvolvidas entre esses dois parâmetros ora discutidos. No campo da geografia como disciplina, as informações chegam aos alunos de forma instantânea, podendo provocar, de certa forma, uma maquiagem no processo de formação do mesmo, que deve ser constituída de forma crítica e reflexiva, para que haja a valorização da formação do conhecimento, embasada nos variados saberes. Com a emancipação da informação no processo de ensino e aprendizagem, surge também possibilidades para que o aluno compreenda e atue socialmente no meio em que vive.

Com a introdução das modernas tecnologias e de novas propostas de apropriação da informação, essas novas formas de conceber o conhecimento trazem importantes mudanças que podem propiciar inúmeras possibilidades de compreensão e atuação do aluno na sociedade contemporânea (SANTOS , 2010, p.43).

As visões postas pelos autores ora utilizados englobam uma série de definições inseridas em discussões voltadas para a formação educacional, como forma organizacional que atenda as necessidades do capitalismo. Mas, para Vesentini (2010), a formação educacional ora desenvolvida nas escolas, também pode ser considerada uma ferramenta libertadora da sociedade, pois, atualmente, a escola proporciona a realização de práticas críticas e reflexivas na construção do conhecimento.

Mas a escola não é apenas uma instituição indispensável para a reprodução do sistema. Ela é também um instrumento de libertação. Ela contribui – em maior ou menor escala, dependendo de suas especificidades – para aprimorar e expandir a cidadania, para desenvolver o raciocínio, a criatividade e o pensamento crítico das pessoas, sem os quais não se constrói qualquer projeto de libertação, individual ou coletivo (VESENTINI, 2010, p.16).

O autor constrói uma idéia de que a escola, de modo geral, passou a ser um ambiente que coloca o aluno como agente integrante do processo de construção e formação do conhecimento. A escola fica focada como um ambiente fundamental para o desenvolvimento de propostas libertadoras que venham proporcionar a diversidade do conhecimento (VESENTINI, 2010).

As colocações postas pelo autor ora citados enfatizam uma discussão acerca da valorização das mais variadas ferramentas utilizadas no processo de formação educacional na atualidade. Também, em outro momento, se preocupa com a valorização da formação do aluno, como forma antecedente das tecnologias informacionais que possam interferir no processo de construção do conhecimento crítico e reflexivo, o qual faz do aluno um agente passivo na construção do saber.

Outro questionamento que também deve ser levado à apreciação é o processo de universalização da educação no Brasil. Kimura (2008), aponta várias medidas tomadas por órgãos governamentais ligados à área da educação escolar, em que são aplicadas de forma a promover o desenvolvimento da educação no país, e também, de avaliar os mais variados níveis de ensino, em busca de detectar falhas que possam ser corrigidas.

Sem dúvida, ter acesso à escola é ter um direito conquistado. Sabemos das diversas políticas públicas que contribuem para explicar esse quadro, a exemplo da concessão da Bolsa Escola federal (atualmente incorporada na Bolsa Família) a alunos com renda financeira muito baixa. Assim, também, foi estabelecido o Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental – Fundef (transformado em 2006 no Fundo de Desenvolvimento do Ensino Básico – Fundeb), que repassava verbas aos municípios e estado de acordo com o número de alunos matriculados nas escolas de suas respectivas redes de ensino. São políticas que, dessa maneira, têm aumentado o acesso e permanência dos alunos nas escolas do Ensino Fundamental (KIMURA, 2008, p. 9).

Com essa colocação posta pelo autor, compreende-se que, de certa forma, vem ocorrendo uma melhoria no desenvolvimento da educação do país, mesmo ainda que um pouco distante da educação de países desenvolvidos. Mas, fazendo uma reflexão da condição que o Estado hoje oferece em relação a décadas atrás podemos, através de nossa própria experiência de vida, constatar tais mudanças.

1.1 O ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL

A Geografia como disciplina escolar, ou até mesmo se for discutida como ciência, passou por vários momentos, os quais limitavam o seu desenvolvimento, e a oportunidade de se discutir assuntos importantes para sua contextualização. Com isso, a Geografia portase de um processo evolutivo de suas discussões, dividido em fases que se estabeleceram ao longo de sua trajetória, definidas por alguns autores como as correntes do pensamento geográfico.

No nosso entender, as principais correntes de pensamento geográfico ou paradigmas da geografia são os seguintes: o determinismo ambiental, o possibilismo, o método regional, a nova geografia e a geografia crítica. Foram formalmente explicitadas a partir do final do século XIX, constituindo uma sequência histórica de incorporações de práticas teóricas, empíricas e políticas que, não excluindo nenhuma delas, apresenta a cada momento um ou dois padrões dominantes. Assim, o determinismo ambiental e, menos ainda, o possibilismo não desapareceram totalmente, mas perderam o destaque, sobretudo o determinismo ambiental. Por outro lado, a geografia crítica é o último

modelo a ser incorporado, passado a coexistir conflitivamente com os outros, principalmente a nova geografia (CORRÊA, 1986, p.7).

Entre as correntes do pensamento geográfico acima citada pelo autor, a Geografia Crítica, surge como a possibilidade de se produzir um processo de transformação da sociedade, embasado nas relações dialéticas entre os fatores ora discutidos de forma descritiva dentro da Geografia. Segundo Corrêa (1986), surge no Brasil, na década de 1970, calcando-se no materialismo histórico, fortalecido pelo crescente capitalismo e na dialética marxista, a Geografia física, a qual coloca-se posta a analisar as discussões geográficas ora impostas, podendo rever algumas concepções teóricas.

Para Suertegaray et al. (2010), a Geografia diferencia-se das outras disciplinas por se comportar de forma descritiva ao se direcionar ao espaço geógrafo. A autora também associa a relação homem-natureza, levando em consideração todos os fatos ocorridos ao longo da história como ferramenta responsável pela produção e existência do espaço geográfico, o qual possibilita a análise da evolução do conhecimento englobando os fatores sociais e econômicos como resultado dessa relação:

A geografia passa, na atualidade, a entender o espaço geográfico como resultado do modo como os homens organizam sua vida sobre os aspectos econômicos e sociais. Nesta perspectiva, ela concebe a relação natureza-sociedade sob a ótica da apropriação, entendendo a natureza como recurso à produção humana. Vincula espaço geográfico a concepção de tempo e espaço indissociáveis [...] (SUERTEGARAY et al, 2010, p.152).

Trazendo esse discurso para o campo do ensino de geografia no Brasil, Andrade (2010), caracteriza uma discussão pautada em uma trajetória vivenciada em três momentos distintos da história do Brasil.

Levando em conta os sessenta anos de estudo sistematizados da geografia no Brasil e refletindo-se sobre a contribuição dessa ciência ao conhecimento do território, não se pode esquecer que, antes de sua institucionalização, essa contribuição já havia sido dada, de forma expressiva, desde o Brasil Colônia. Por isso, dividimos a trajetória da geografia brasileira em três grandes períodos: o colonial, o imperial e da Primeira República e o Moderno – este iniciado nos anos 30 (ANDRADE, 2010, p.9).

Nesse caso, a geografia brasileira se porta de fases distintas. Cada uma dessas três fases citadas por Andrade teve um modo diferenciado em sua aplicação. Isso implica dizer que, de certa forma, houve mudanças que influenciaram as metodologias no ensino da geografia no Brasil contemporâneo.

Segundo Andrade (2010), na fase ou período classificado como colonial, aplicou-se no Brasil uma geografia pautada na observação e descrição do território, pois se tratava de uma época em que essa terra ainda estava sendo desbravada por seus exploradores e colonizadores:

No primeiro período, a contribuição foi dada pelos chamados cronistas coloniais que aqui estiveram no séculos XVI, XVII e XVIII e que, por razões as mais diversas, fizeram descrições da terra e da sua gente, influenciados, ao mesmo tempo, por imagens e comportamento daqueles que conviviam pelo imaginário europeu no mundo tropical. Dentre estes destacaram-se Pero Vaz de Caminha, com sua carta ao rei D. Manuel, descrevendo a terra onde aportara a esquadra de Cabral (século XV), e Antonil com uma obra bem estruturada (século XVIII) em que divide o país de acordo com as atividades econômicas das várias áreas povoadas, indicando suas principais riquezas (...)

Compreende-se que durante o primeiro período da geografia no Brasil, segundo Andrade (2010), esses dois cronistas citados, realizaram uma análise prévia do território ora por eles visitados. O autor identifica que os dois cronistas desenvolvem observações que, mais tarde, vieram contribuir com as primeiras considerações físicas, sociais e econômicas encontradas. O autor também chama atenção para a presença de alguns naturalistas que percorreram o território brasileiro no final do período colonial, conseqüentemente formalizando considerações diferenciadas dos cronistas que lhes antecederam.

Levando em consideração a fase que compreende a geografia brasileira denominada como Período Imperial e da Primeira República, esta foi uma fase em que, segundo Andrade (2010), as informações substanciais continuaram sendo desenvolvidas pelos naturalistas. Para o autor, essas informações catalogadas pelos naturalistas da época, contribuíram para um levantamento sobre a exploração da terra, as culturas locais, em um momento em que se buscava levar a necessidade de desenvolver a cidadania no país, o qual era constituído em sua maioria por indígenas e negros africanos. O autor mostra em sua pesquisa as contribuições para formação dessa nação, partindo das concepções desenvolvidas por vultos históricos, com visões de ordem geográficas, a exemplo de

região, território, causas sociais, políticas e tantos outros temas hoje abordados pela geografia contemporânea.

(...) Ainda deste período, e de grande interesse geográfico, são os trabalhos de Tavares Bastos já preocupado com a divisão regional do país, defendendo a necessidade de uma federação das províncias e, indiretamente, de uma política regionalizante; de Joaquim Nabuco, sobre a estrutura de sociedade latifundiária e escravista; de Rui Barbosa, em defesa de uma política liberalizante e industrialista; de Tobias Barreto, com sérias críticas a sociedade açucareira; de Silvio Romero, com preocupações renovadoras; de Alberto Torres, com preocupações de centralização política, sendo secundado por Everardo Beckhauser e por Teixeira de Freitas. Muito importante seriam os trabalhos elaborados pelo Barão do Rio Branco, em face das disputas territoriais travadas pelo Brasil com países vizinhos. Ele continuava com estudos de Alexandre Gusmão que, no século XVIII, defendeu o direito da América portuguesa (o Brasil) a territórios ocupados pelos bandeirantes ao oeste do meridiano de Tordesilhas, durante o domínio espanhol (ANDRADE, 2010, p.10).

Foi um período conflituoso, como mostra o autor, mediante a construção de ideologias políticas e revolucionárias na luta pelo poder territorial e o reconhecimento de algumas classes sociais, submissas a certos autoritarismos. Trata-se de um período cuja compreensão de seus registros é indispensável, pois na atualidade são estudados como formas embasadoras de muitas concepções críticas contemporâneas.

1.2 PRIMEIRAS OBRAS E OS EVENTOS POLÍTICOS

Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Nina Rodrigues e Josué de Castro, segundo Andrade (2010), foram os protagonistas dos primeiros livros brasileiros que tratavam do reconhecimento da realidade desse território, desvinculados das imposições importadas, contribuindo para as primeiras concepções do pensamento geográfico nacional.

Quanto ao período moderno, surge no Brasil uma reflexão e uma importante renovação no panorama da geografia, em que instituições relacionadas com o pensamento geográfico, apontam como resultado positivos dessa evolução (ANDRADE 2010). Para o

autor, todo esse movimento edificou-se na primeira metade do século XX, mais precisamente no ano de 1930.

A Revolução de 1930, apesar de frustrada em grande parte de seus objetivos, trouxe uma notável renovação, provocando o crescimento da leitura e reflexão sobre o país. Com ela se iniciaram os estudos superiores de geografia nas universidades do Distrito Federal e de São Paulo e, em seguida, as atividades do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. Nesse período, nasceu em São Paulo (1934), sob a inspiração de Pierre Deffontaines, a Associação dos Geógrafos Brasileiros, a AGB, que, criada quase como uma instituição paulista, se expandiria em cerca de duas décadas, por todo território nacional (ANDRADE, 2010, p.11).

Essas instituições podem ser consideradas como fontes relevantes para o desenvolvimento do ensino e da pesquisa em geografia no Brasil, levando em consideração que as mesmas passaram a interagir com todo o território nacional. Segundo o autor supracitado, nesse período iniciaram-se os trabalhos de campo em geografia no Brasil, e em encontros geográficos começaram a ser apresentados resultados de pesquisas, com conseqüentes publicações em revistas e periódicos.

Com o término da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos da América se condicionam como um país que se beneficiou com as baixas econômicas de alguns países envolvidos na citada guerra, como mostra Andrade (2010). Com isso, segundo o autor, os Estados Unidos da América, de uma forma agressiva, impõem em alguns países suas ideologias políticas governamentais, embasadas no crescente capitalismo. O autor ainda faz uma ressalva sobre a penetração ideológica estadunidense no Norte do Brasil, associado ao Golpe Militar de 1964, que buscava o desenvolvimento econômico sem se preocuparem com os possíveis problemas ecológicos e sociais das populações da citada região.

Picoli (2006), coloca de forma geral a influência que os Estado Unidos tiveram na vida dos brasileiros na segunda metade do século passado, de forma que desenvolveu uma série de problemas e dilemas ambientais e sociais. A partir disso, segundo Andrade (2010), os universitários passaram a absorver modelos saxônicos, a exemplo do uso da estatística, da análise fatorial, tanto no setor econômico e científico, como no campo geográfico. Segundo o autor, nesse meio tempo, ocorre uma ruptura na geografia, quando os métodos estatísticos são impactados pela aplicação de uma geografia com concepções Teorética.

Cabe a condição de imaginar que se não fosse os Estados Unidos da América poderia ter sido outra cultura que provocaria influências no campo geográfico Brasileiro.

Mas bem se sabe que essas ideologias geográficas estadunidenses sofreram um impacto muito forte quando geógrafos brasileiros dos mais variados seguimentos filosóficos passaram a buscar inovações para a geografia local, fazendo uma observação nos moldes europeus.

A crise econômica dos anos 70 e o desastre do modelo imposto em 1964 deram margem a que surgisse uma reação entre os geógrafos, classificados em geral de críticos, que procuravam reabilitar uma geografia política e social. O grupo reunia tanto geógrafos positivistas como marxistas-leninistas que procuravam modelos europeus para a Geografia brasileira, e marxistas heterodoxos, que usavam o marxismo como método e não como doutrina, em quanto os grupos menores também arregimentavam adeptos. Esses grupos trouxeram inovações ao pensamento geográfico nacional, mas também promoveram sérias distorções. O seu maior serviço foi destroçar a dominação quantitativista, sobre tudo após a democratização do país (ANDRADE, 2010, p.12).

Para o autor, o compromisso que o geógrafo e a Geografia brasileira têm com os desafios estão pautados na pobreza e má distribuição de renda, sendo esses dois fatores de suma importância para que se tenha um IDH considerável. Faz-se necessário a utilização de todas as ferramentas que a geografia venha a ter a seu alcance.

Com isso, mediante as reformulações do pensamento geográfico, como também de outras disciplinas, surgem as novas análises do ensino e aprendizagem, que formalizam novos parâmetros para o desenvolvimento educacional. No Brasil, com já foi dito, a Lei de Diretrizes e Bases, conhecida por LDB, de nº 9.394/96, altera as normas da educação, a fim de melhor organizar os parâmetros educacionais. O Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, Lei brasileira de nº 8.069/90, assegura também alguns direitos referentes ao compromisso de todos com a educação do país.

Mediante toda essa sinuosidade que envolve a educação e o ensino de Geografia no Brasil, a partir da materialização da Geografia crítica, surgem as possibilidades de ser posta em prática uma metodologia inovadora. Essa nova metodologia propiciará aos discentes, uma nova maneira de ver a disciplina de Geografia, quebrando a monotonia da descrição e representação, agregando essas práticas tradicionais a novos meios de análises e produção do conhecimento geográfico.

[...] ouvir os alunos, sistematizar as falas, criar e estimular as polêmicas e as dúvidas, textualizar as dúvidas e conclusões elaboradas procurando sempre surpreendê-los. Provocando surpresas que estimulem a paixão

pelo aprender, paixão em discutir com o grupo e pensar em novas formas de organização de nosso espaço e de nossa sociedade que visem a um mundo com mais justiça e pluralidade (KAERCHER, 2009, p. 138).

Com essas novas possibilidades atribuídas ao ensino e aprendizagem, digo, em especial ao ensino em Geografia, criou-se um arcabouço de possibilidades de transformar as aulas apenas descritivas dessa disciplina em aulas que atraíam os alunos para o campo do aprendizado de forma mais agradável. Uma das possibilidades criadas com as reformas educacionais e o ensino da Geografia no Brasil e no mundo foi a condição de se poder realizar a prática do ensino e aprendizagem através de aulas de campo, e com isso, poder construir um confronto entre os fatos e os livros didáticos.

Entre os avanços realizados pela geografia crítica estão aqueles associados à questão espacial, herdada basicamente da nova geografia. Trata-se, no caso, de ir além da descrição de padrões espaciais, procurando-se ver as relações dialéticas entre as formas espaciais e os processos históricos que modelam os grupos sociais (CORRÊA, 1986, p. 21).

Tendo em vista essa concepção ora discutida por Correa (1986), o ensino dessa disciplina necessita avançar o seu discurso para além da barreira da descrição das coisas, e sim, que ocorra o diálogo entre os fatores existentes que possam contribuir para a formação do conhecimento. Com essa visão, acredita-se que a pesquisa, o conhecimento e ensino, deverá se portar de várias ferramentas que possibilitem o desenvolvimento científico e cultural, baseando-se em discutir, suas concepções antes definidas como verdades absolutas. Daí então, nesse contexto, discute-se a importância da valorização do estudo do meio, associado à união do conhecimento proposto pelos livros escolares, através de um intercâmbio aplicado em meio às aulas de campo.

Autores como Heidrich (2010), faz uma observação sobre a forma que o ensino em Geografia é aplicado nas séries iniciais, e suas abordagens preliminares que criam concepções sobre a conceituação de algumas fundamentações da disciplina, com o intuito de contribuir com a prática docente.

A geografia é facilmente reconhecida como uma disciplina que estuda a diferenciação de paisagens, regiões e lugares. É com essas referências que sua aprendizagem nos livros didáticos dos anos iniciais é realizada. De modo geral, nos primeiros anos se aborda o estudo do lugar e da paisagem, conceitos com os quais se vai desenvolvendo a compreensão do

espaço geográfico e, posteriormente, sua divisão em regiões. O conceito de território, geralmente trabalhado quando se estuda a Geografia do Brasil, é visto como área geográfica fazendo-se referência às suas características físicas e de geografia política (HEIDRICH, 2010, p.111).

Correa (1986) levanta questionamentos sobre a construção de conceitos sobre a região e a organização espacial, e muitos outros autores discutem várias conceituações sobre a formação do conhecimento e do ensino e aprendizagem abarcando inúmeros questionamentos que constituem a formação do conhecimento dessa disciplina.

1.3 ABORDAGENS METODOLÓGICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Durante muito tempo, não só no Brasil como também em muitos outros países, o processo metodológico do ensino e aprendizagem vem se transformando numa dimensão flexível às novas descobertas científicas. No caso da geografia, os recursos tecnológicos atuais são sempre que possível utilizados pelos professores, a fim de proporcionar o aprimoramento do conhecimento e condicionar o aluno a (des)construir e construir o conhecimento, com isso, os saberes escolares passam a ser agregados a um diálogo variado no campo metodológico de ensino (SANTOS; COSTA; KINN, 2010).

Com a introdução das modernas tecnologias e de novas propostas de apropriação da informação, essas novas formas de conceber o conhecimento trazem importantes mudanças que podem propiciar inúmeras possibilidades de compreensão e atuação do aluno na sociedade contemporânea (SANTOS; COSTA; KINN, 2010, p.43).

Torna-se fato que da maneira que a geografia teve suas fases em sua aplicação diária como disciplina, também passa a ter ferramentas que se adaptam a realidade atual. Como mostra os autores, o campo da tecnologia é uma das áreas mais exploradas na aplicação de novas metodologias de ensino nessa disciplina. Para muitos, estudar geografia é uma tarefa enfadonha, chata, tem muitas informações para serem armazenadas na memória, um vasto campo a ser observado. Mas, qual seria o grande problema de se aplicar essa disciplina como uma disciplina que venha, de certa forma, convencer o aluno de que a geografia lhe condiciona a um entendimento do meio em que vivemos? Será que o

grande problema venha a ser a geografia, os professores, ou a maneira que ela é apresentada aos alunos, os materiais e/ou recursos utilizados?

Pesquisas comprovam que muitos dos professores que atuam nas séries iniciais não foram alfabetizados em geografia. As crianças chegam à quinta série do ensino fundamental sem a construção das noções e das elaborações conceituais que compreenderia tal “alfabetização” (CASTROGIOVANNI, 2010, p.11).

Na verdade, segundo o que Castrogiovanni (2010) mostra, essa disciplina começa a ser apresentada nas séries iniciais já com um pouco de comprometimento do professor. Não que o professor venha a ser incapacitado, mas que não é posta ao mesmo uma formação condizente à disciplina ora abordada. Isso pode acarretar uma série de consequências que comprometerão a aceitação do estudo da geografia nas mais variadas áreas que a disciplina aborda.

Kimura (2008), aponta a escola, como um todo, como um dos principais seguimentos que possa, e que venha, desenvolver uma metodologia eficaz para o ensino, agregando a produção de projetos inovadores. Para a autora, esses projetos podem contribuir principalmente com a formação continuada do professor.

Para Callai (2009), o processo de ensino e aprendizagem, está conceituado em uma relação contínua entre conteúdo e certos métodos, os quais procuram realizar uma facilitação do saber. Segundo a autora, o aluno é um elemento ativo no que diz respeito à aprendizagem e, as ações desse processo devem ser constantemente direcionadas para o mesmo. A autora ainda define o aluno como um sujeito ativo, responsável pelo processo de aprendizagem, e o professor como um mediador de parte desse processo, no caso a missão de orientar as práticas a serem confrontadas durante o planejamento e aplicação das metodologias propostas.

Tal processo supõe, igualmente, uma relação de diálogo entre professor e aluno que se dá a partir de posições diferenciadas, pois o professor continua sendo professor, é o responsável pelo planejamento e desenvolvimento das atividades, criando condições para que se efetive a aprendizagem por parte do aluno. Sem que exista um consistente planejamento fica difícil dar conta da tarefa. O professor precisa ter clareza tanto do processo pedagógico como conhecer bem os conteúdos a serem trabalhados (CALLAI, 2009, p. 93).

Cria-se, assim, uma condição em que o aluno, segundo a autora acima citada, desenvolva um senso crítico que proporcione a construção do saber a partir de uma relação entre seus conhecimentos prévios e os apresentados tanto pelos professores como pelos materiais didáticos. Como já debatido nessa discussão, a contemporaneidade apresenta variadas formas de linguagens que podem ser agregadas aos estudos e conceitos fundamentais da disciplina de geografia.

No ensino-aprendizagem de geografia, os conceitos-chave, como paisagem, lugar, região, território e espaço, precisam ser também trabalhados de acordo com essa reformulação tecnológica e midiática, visto que docentes e discentes são sujeitos que fazem parte deste mundo e o constroem; portanto, precisam ser e estar inclusos nele (SANTOS, COSTA; KINN, 2010 p. 45).

Com isso, concretiza-se a real importância que se dá aos principais integrantes do processo de ensino e aprendizagem, alunos e professores, sem os colocarem como agentes passivos desse processo. A partir disto, surgem as necessidades de interação entre os saberes já produzidos e reproduzidos, e os ora desenvolvidos baseados nas inovações tecnológicas e metodológicas da área do ensino em geografia, nas mais variadas vertentes do conhecimento.

2 O ESTUDO DO MEIO COMO FORMA INTEGRADA DO SABER

O Estudo do Meio revela-se como uma metodologia não recente, tratada já em outras datas, inspirada na performance de grandes educadores do passado. Vale lembrar que a utilização dessa metodologia se justifica na necessidade de conhecer o mundo de forma mais ampla e esclarecedora.

O Estudo do Meio não é uma prática pedagógica nova no universo educacional brasileiro. Faz parte, na verdade, de uma “tradição escolar” que, inspirada em educadores tais como Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) e Célestin Freinet (1896-1966), tem por objetivo proporcionar aos estudantes uma aprendizagem “mais perto da vida”, ou seja, um contato mais direto com a realidade estudada, seja ela, natural ou social (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 176).

2.1 A FUNCIONALIDADE DO ESTUDO DO MEIO

Mediante tantos recursos e metodologias que são aplicadas às práticas de ensino, o Estudo do Meio surge como uma possibilidade de proporcionar a relação dos saberes entre alunos, professores e disciplinas.

Os Estudos do Meio podem fortalecer, para além de sua dimensão estatal, a dimensão pública da educação. Trata-se da organização de fóruns de discussão para os problemas vividos coletivamente pela comunidade onde a escola está inserida (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 178).

Essa prática leva todos os envolvidos a realizarem uma reflexão, repensando algumas colocações pré existentes sobre uma determinada discussão de forma interdisciplinar.

O estudo do meio é uma metodologia de ensino interdisciplinar que pretende desvendar a complexidade de um espaço determinado extremamente dinâmico e em constante transformação, cuja totalidade dificilmente uma disciplina escolar isolada pode dar conta de compreender (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p.173).

No Brasil, o Estudo do meio remota-se aos primeiros anos do século XX, com a implementação dessa prática em algumas escolas estimuladas por culturas européias (PONTUSCHKA, 2004). A autora ainda aponta a fase da educação brasileira classificada como Escola Nova, o momento em que esse método de ensino se manifesta nesse território, sendo privilégio de alguns estabelecimentos de ensino ter em suas atividades curriculares a implementação dessa prática.

O ideário da Escola Nova desenvolvido no Brasil na primeira metade do século [XX] embora não tenha conseguido atingir a rede de ensino público, concretizou-se em algumas escolas da década de 1960, nas quais currículos especiais permitiam a realização de estudos do meio como ocorreu nas escolas vocacionais ou nas classes experimentais de ginásio, do antigo Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Houve tentativas válidas (de curta duração) de colocar em prática os princípios da Escola Nova; no entanto, esta permaneceu muito mais com ideário, sem atingir outras escolas da rede pública (PONTUSCHKA, 2004, p. 252).

Durante certo período da história política e social do Brasil, o Estudo do Meio tornou-se censurado pela imposição da repressão da ditadura militar estabelecida no Brasil entre os anos de 1964 e 1985 (PONTUSCHKA, 2004). Segundo a autora, o Ato Inconstitucional nº 5, baixado em 13 de dezembro de 1968, que proibia os Estudos do Meio, veio perder forças com a crise do governo militar, iniciada entre os anos de 1978 e 1979, quando após o início de tal crise, apresenta-se o processo de redemocratização do Brasil, e os Estudo do Meio voltam a serem aplicados.

Essa metodologia desenvolve-se no âmbito da interdisciplinaridade, como coloca as autoras acima citadas, em um processo colegiado entre disciplinas escolares, as quais, juntas, passam a compreender a dinâmica espacial de um meio. As autoras também fazem uma ressalva sobre a oportunidade que essa prática proporciona – que é o desenvolvimento de pesquisas, as quais buscam a compreensão dos conteúdos e saberes já pré construídos. Com o desenvolvimento do estudo meio, ocorre, também, a possibilidade do surgimento de novos conhecimentos que talvez não estejam explícitos nos livros didáticos (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009). Outras produções textuais também ampliam a importância e os possíveis resultados dessa prática.

É importante considerar que essa prática pedagógica encontra plena expressão no interior de uma teoria escolar aberta na qual o trabalho educativo das escolas não seja regulado, extremamente, por um sistema de avaliação homogeneizadora e homogeneizante. Distanciando-se, desta forma, de uma concepção de uma educação tecnicista, baseada na racionalidade técnica, onde os “produtos do ensino” são definidos a *priori*, ou seja, exteriormente aos interesses de seus beneficiários, esse método de ensino preconiza e corrobora a construção de um projeto educativo que pressupõe autonomia relativa dos professores e, de maneira geral, das escalas no processo de construção de seu currículo. Propicia também, ao integrar os professores em uma dinâmica de valorização intelectual de seu trabalho, o desenvolvimento de uma nova profissionalidade docente, na qual, são eles próprios, parte importante no complexo processo de concepção e implementação dos currículos escolares (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 174).

A presença do professor como agente ativo e indispensável na aplicação dessa metodologia de ensino e aprendizagem faz surgir a necessidade da formação dos mesmos nos mais variados campos do saber. O ensino básico proporciona a realização da conjuntura dos saberes, particularizando o estudo em cada área e, por sua vez, o estudo do meio os une no objetivo de compreender melhor o mundo.

No ensino básico, a presença de professores de vários componentes curriculares pode facilitar a efetivação de um estudo do meio, porque cada um deles possui uma formação específica necessária à compreensão do meio, objeto de estudo (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p.174).

Para Lopes e Pontuschuka (2009), a realização conjunta, ou seja, interdisciplinar do Estudo do Meio, surge como um elemento contribuinte, de um elevado grau significativo no desenvolvimento profissional do professor. Os autores também consideram o Estudo do Meio como uma ferramenta que ajuda a escola a construir sua própria identidade, valorizando uma dinâmica intelectual e política da mesma, tanto no âmbito educacional como social.

Ao realizar-se o estudo do meio, prioriza-se a elaboração de um projeto voltado para a observação do espaço físico, social e biológico, os quais mediante uma complexidade cotidiana se entrelaçam. Com isso os vários olhares caracterizam suas particularidades e as unem em uma dependência mútua para a existência de cada uma. Tudo isso, deve ser a meta almejada pelo projeto, construído e posto em prática por grupo (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009).

Baseando-se nas colocações postas pelas autoras, há uma real necessidade entre as disciplinas curriculares do ensino básico, a exemplo de Língua Portuguesa, Geografia, Matemática, História, Ciências e Artes, de definirem em projeto do estudo do meio, propostas de intervenções pedagógicas. Essas propostas pedagógicas contribuirão para a soma dos conhecimentos que podem ser produzidos ao longo das pesquisas, analisando, como já foi dito, o meio de vários ângulos.

Segundo Pontuschka; Paganelli e Cacete, (2009), ao se constituir um projeto voltado para o estudo do meio, o mesmo deve ser dividido em etapas cautelosamente planejadas, para que haja uma ordem gradual no desenvolvimento de determinado estudo. As autoras colocam cinco fases como ordens fundamentais que busquem a somatória das informações contidas no objeto de estudo hora trabalhado; sendo essas fases: o encontro dos sujeitos sociais, a visita preliminar a opção pelo percurso, o planejamento, a elaboração do caderno de campo (fonte de pesquisa) e a pesquisa de campo reveladora da vida.

Vejamos o contexto de cada uma das etapas, segundo (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009);

- O encontro dos sujeitos sociais: corresponde à mobilização da escola e seus integrantes em desenvolver uma ação – no caso o estudo do meio – com objetivos de melhorar a formação do aluno. Surgem dissonâncias e concordâncias, as quais produzirão uma reflexão sobre a prática pedagógica que deve ser aplicada, iniciando a prática interdisciplinar nesse estudo;
- Visita preliminar a opção pelo percurso: é um momento de análise e definição interdisciplinar de detalhes sobre qual tema será estudado, o lugar visitado, o tempo gasto para que se desenvolva os estudos fora da sala de aula, as referências que devem ser estudadas, o tipo de transporte utilizados nas idas ao encontro ao objeto de estudo. Em suma, trata-se de um período que antecede o planejamento propriamente dito, que deve ser elaborado em uma relação conjunta entre alunos, professores e disciplinas;
- Planejamento: é consolidação objetiva do estudo do meio. Trata-se do emprego de uma metodologia interdisciplinar entre pesquisa e o ensino, observações de testemunhos e coletas de informações em várias áreas do conhecimento, compartilhamento das visões e opiniões constituídas sobre o objeto estudado, a

produção ou escolha do método avaliativo, criação de recursos didáticos baseados nos registros, e, por fim, a divulgação dos processos e resultados;

- Elaboração do caderno de campo: trata-se do material que identifica o estudo do meio. É o espaço onde são arroladas todas as informações coletadas e as metas a serem atingidas, estruturalmente dividido em capa, roteiro da pesquisa de campo, textos e entrevistas;
- A pesquisa de campo reveladora da vida: compreende o momento do diálogo entre pesquisadores e espaço, a história, as pessoas, com os colegas e seus saberes e com muitos outros elementos que venham enriquecer a produção do conhecimento no estudo do meio.

Essa última fase define-se como o momento mais importante do estudo do meio, pois é a etapa em que os pesquisadores se debruçam sobre os conhecimentos e valores de uma determinada localidade. É um momento de observação e coleta de informações estruturadas em fotografias, olhares, entrevistas que buscam absorver os saberes populares, crenças, os costumes, etc. Todo esse estudo, completa-se com uma das mais importantes ferramentas para realização do mesmo, que é o trabalho de campo, a saída da sala de aula e confronto direto com realidade.

2.2 A AULA DE CAMPO COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA NO ESTUDO DO MEIO

A compreensão do estudo dos fatos que envolvem o espaço geográfico se dá ao passo que surge o interesse pela pesquisa, que vai muito além dos portões dos estabelecimentos de ensino, buscando o entendimento no campo, o que vem fortalecer os debates desenvolvidos nas academias. Com isso, torna-se necessário compreendermos nossa história, passando a desenvolver pesquisas direcionadas primeiramente à realidade local, para podermos compreender e discutir com convicção sobre a formação do que se tem como meta de estudo no ensino de geografia.

Muitas vezes sabemos coisas do mundo, admiramos paisagens maravilhosas, nos deslumbramos por cidades distantes, temos informações de acontecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares que nos impressionam, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar em que vivemos (CALLAI, 2009, p.83).

A autora busca mostrar a real importância da compreensão do local bem antes da interação com o mundo que está ao seu redor, demonstrando a necessidade do interesse pela pesquisa no que se tem de mais valioso – que é a sua própria história. Mediante essa visão da compreensão das realidades locais que nos envolve, permite-se que se busque o entendimento dos fatos estudados na realização de grupos de estudos e aulas de campo, proporcionando a oportunidade de conectar as discussões teóricas com a prática.

Por trás de todo trabalho de campo sempre se esconde uma infinidade de surpresas. E cabe ao geógrafo, na medida do possível, tentar captá-las e incorporá-las ao seu repertório, criando maiores possibilidades de adequar o seu objeto de estudo a uma análise mais eficaz e satisfatória. Como primeira condição necessária à saída de campo, considero de vital importância a adoção prévia de um sistema de conceitos capaz de formular o arcabouço teórico-metodológico que inegavelmente direcionará o olhar do geógrafo no campo – uma espécie de “bússola” na formulação das idéias, análises e observações, moldando o embasamento de todo o trabalho (HUERTA, 2007, p. 149).

Para o autor acima citado, a realização de uma análise do tema estudado desenvolvida diretamente em uma pesquisa utiliza o campo como parâmetro para a complementação do entendimento de uma determinada discussão. O autor também mostra a possibilidade da variedade de informações que o estudante poderá se deparar ao se empenhar no campo da pesquisa, considerando o trabalho de campo um mero orientador, fundamental na formação de todos que se expõem à construção do conhecimento no ensino e aprendizagem na disciplina de Geografia.

As atividades voltadas para as práticas de trabalhos de campo na geografia no Brasil já vêm sendo desenvolvidas desde o Estado Novo, quando surgem instituições que dão suporte a esse tipo de atividade. Segundo Andrade (2010), essa prática também foi uma ferramenta política governamental, utilizada para desenvolver táticas de povoamento em regiões pouco habitadas, e uma nova concepção territorial do país.

No primeiro período, com o domínio do Estado Novo, procurou-se despolitizar a geografia, fazendo com que ela se tornasse uma análise de descrições de paisagens, diminuindo a influência de geopolíticos e do próprio Delgado de Carvalho, considerado o pioneiro da geografia científica no Brasil. Esse período foi de grande utilidade porque permitiu o desenvolvimento do trabalho de campo e o conhecimento de várias áreas do país, por meio de pesquisas feitas nas assembleias gerais da AGB, de artigos publicados na Revista Brasileira de Geografia do IBGE e de teses de doutorado e de livre-docência defendidas na USP. Os estudos geopolíticos foram feitos em função de projetos governamentais, como a política de expansão do povoamento para o Oeste (Marcha para o Oeste), a tentativa de localização da nova capital federal e a redivisão territorial do Brasil (ANDRADE, 2010, p.11).

Tratando-se do espaço geográfico, o mesmo se faz de uma ordem gigantesca de informações, porém deverá ser levada em consideração a organização da análise de todas as etapas de determinada área de estudo que está sendo desenvolvida. Na formação do conhecimento, tanto as pesquisas de gabinete quanto as aulas de campo devem sistematicamente contribuir com o entendimento do estudante pesquisador de forma recíproca, conciliando-se gradualmente na pesquisa, para que não haja o embaralhamento das idéias e das compreensões formalizadas.

Ao se estudar o espaço geográfico, a delimitação do mesmo é um passo necessário, pois o espaço é imenso, planetário, mundial. O que dele/nele estudar? Para dar conta da delimitação deve-se fazer a referência à escala social de análise, que, em seus vários níveis, encaminha a recortes que elegem determinada extensão territorial. Estes níveis são o “local, o regional, o nacional, o global”. As regras podem ser gerais, os interesses universais, mas concretamente se materializam em algum lugar específico. (CALLAI, 2007, p.83).

A autora enfatiza organização do estudo do espaço geográfico, como peça fundamental para uma melhor compreensão do mundo que está em volta do pesquisador, do estudante e de sua análise. Com isso, o trabalho de campo deve ser encarado como uma constante análise do que se pesquisa, buscando informações nos mais variados lugares e dialogando com as mais variadas pessoas que se encontram inseridas no contexto da pesquisa, o que vai levantar informações preciosas, as quais os livros até o momento ainda se encontram impossibilitados de nos informar. Nesse caso, a aula de campo vem a ser uma ferramenta que possibilitará o confronto de idéias entre as teorias trabalhadas nos bancos escolares e a prática.

Assim, a idéia da prática indissociável entre a teoria trabalhada em sala de aula e a prática reconhecida na aula de campo, reforça a concepção de que a pesquisa é uma ferramenta fundamental para construção do conhecimento. Levando em consideração a importância da pesquisa, o estudante/pesquisador ao executar a mesma passa a se confrontar com um processo reflexivo repleto de informações que o conduzirá durante a pesquisa a conhecer novos fatores que reforçarão seus estudos.

Considerando-se em sentido amplo, a palavra pesquisa designa o conjunto de atividades que têm como finalidade descobrir novos conhecimentos, seja em que nível for. Para os propósitos deste trabalho, interessa o conceito de pesquisa científica: investigação feita com a finalidade de obter conhecimento específico e estruturado a respeito de determinado assunto, resultante das observações dos fatos, do registro de variáveis presumivelmente relevantes para futuras análises. Ela é um processo reflexivo, sistemático, controlado e crítico que leva a descobrir novos fatos e a perceber as relações estabelecidas entre as leis que determinam o surgimento desses fatos ou a sua ausência (PRESTES, 2012, p.28).

Prestes (2012), define a pesquisa como um processo investigativo na formação do saber que proporcionará em momentos futuros a continuação dessa formação, pois a pesquisa percorre caminhos em busca de novas respostas. Callai (2010), de forma positiva, valoriza o conhecimento desenvolvido no estudo do lugar, como forma embasadora nas especificidades do conhecimento e da aprendizagem do conhecimento geográfico na escola básica. Para que o estudo do lugar seja desenvolvido deverá a escola fazer acontecer às aulas de campo associadas à pesquisa, partindo de um planejamento prévio. Compreende-se então que tanto a pesquisa quanto às aulas de campo devem e podem ser trabalhadas já nas fases iniciais da formação educacional de uma sociedade.

2.3 A INTERDISCIPLINARIDADE COMO RECURSO FUNDAMENTAL PARA A APLICAÇÃO DO ESTUDO DO MEIO EM GEOGRAFIA

Alguns autores fazem alusão a métodos revolucionários que podem ser aplicados e conseqüentemente darem certo, quebrando a monotonia na aplicação dos componentes curriculares em sala de aula, em especial na Geografia.

Clamava a seus alunos que descobrissem como a natureza estava a todo instante enviando mensagens, que se propunha ensiná-los a decifrar. Em confronto com a rigidez da sala de aula e de suas carteiras enfileiradas e do autoritarismo prepotente de um mestre que tudo acreditava saber, propunha a ousadia da descoberta a partir da experimentação, sugerindo a criação de textos escritos a partir das palavras das crianças (ANTUNES, 2008, p.53).

Nesse caso, o autor trabalha um método educacional desenvolvido por um grande educador, em que o mesmo procura, em determinados momentos, consideráveis condições para levar seus alunos a constatarem na natureza os ensinamentos básicos para o desenvolvimento do conhecimento, proporcionando o senso crítico de todos, associando a teoria à prática. Trata-se do método natural desenvolvido por Celestin Freinet, o qual acreditava que através da aula de campo novas idéias e novas descobertas poderiam surgir.

Esse método deve ser considerado levando em conta o aproveitamento do aprendizado aplicado nos centros educacionais de ensino. A retirada dos discentes da sala de aula no momento certo e preciso, contribuirá para que ocorra o interesse dos alunos pelo componente curricular que o professor esteja a trabalhar.

Sabendo-se que a aplicação do Estudo do Meio não tenha sido criada no Brasil, e que essa prática pedagógica se popularizou nos anos de 1960, a mesma já se apresentava no estado de São Paulo no início do século XX. A imigração de europeus anarquistas condicionou o surgimento dessa prática no Brasil, com princípios de desenvolver um ensino racional e a possibilidade de se produzir um pensamento crítico das realidades nos entorno das escolas (PONTUSCHUKA 2004; BITTENCOURT 2005).

Essa proposta metodológica pode ser aplicada no Estudo do Meio, interligando os saberes específicos de determinadas disciplinas, na busca de um resultado positivo. Vale lembrar que novas metodologias de ensino vêm sendo desenvolvidas e aplicadas com o intuito de melhorar o desempenho dos alunos, proporcionando a construção de um conhecimento crítico.

Na Lei 9.394/96 (LDB), posta-se a condição de uma aplicação metodológica que, de certa forma, através do ensino e da avaliação, se construa um meio que venha a desenvolver o interesse do aluno pela construção do seu conhecimento. O Ensino Médio, tido pela LDB como a parte final da educação básica, tem como finalidade condicionar o aluno para certas habilidades que lhe proporcionarão o seu ingresso em outros ciclos do

desenvolvimento social, seja no trabalho, seja nas artes, seja na formação técnica, como também na continuação de sua formação acadêmica. É o que diz do § 1º ao § 4º, artigo 36 da LDB. Nesse caso, vejamos o que se coloca, segundo o § 1º do III deste artigo:

- I – domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;
- II – conhecimento das formas contemporâneas de linguagem ;
- III – domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.

Vemos que atualmente existe a condição de se pensar em uma educação mais prática, flexível e crítica, que venha, de certa forma, a fomentar a necessidade da construção do conhecimento escolar na contemporaneidade. A contextualização e a interdisciplinaridade devem ser desenvolvidas de forma que venha a traçar novos caminhos no ensino, associadas às práticas já existentes. Tende-se, assim, a construir um arcabouço de informações no processo de ensino e aprendizagem. “Interdisciplinaridade e contextualização são recursos complementares para ampliar as inúmeras possibilidades de interação entre as disciplinas e entre as áreas nas quais disciplinas venham a ser agrupadas” (PCNEM, 2000, p. 84).

Essas duas ferramentas do ensino e aprendizagem, podem e devem ser inicialmente desenvolvidas nas fases do ensino escolar, levando em consideração o nível dos alunos. Também, cria-se a possibilidade dos professores desenvolverem essas práticas nas aulas aplicadas pelos mesmos.

Compreende-se, então, que ao se produzir um projeto para realizar o estudo do meio a interdisciplinaridade é indispensável em seu desenvolvimento, tendo em vista que o meio observado por vários ângulos, ou seja, analisado por várias disciplinas, possibilita um estudo mais completo. Ao se aplicar o estudo do meio, outro fator metodológico aparece como forma integradora na produção do conhecimento, como aponta o PCNM (2000), quando enfatiza a presença da contextualização dos conteúdos trabalhados em sala de aula e encontrados na ida ao campo nos momentos de pesquisas.

3 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE E DA COMUNIDADE CAIANA DOS CRIOLOS

A produção desse trabalho de conclusão de curso, focada em uma atividade de produção do conhecimento denominada Estudo do Meio, fez uso dos valores e saberes de uma comunidade remanescente de quilombo. Sua localização geográfica, sua história e seus aspectos sociais caracterizam as particularidades desse povo, apresentando para as outras comunidades seus valores, suas lutas e conquistas ao longo de toda sua história.

3.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Alagoa Grande encontra-se inserida na Mesorregião do Agreste da Paraíba, a pouco mais de 110 km da capital do estado, com uma área territorial correspondente a 320,563 km², limitando-se com os municípios de Areia, Alagoa Nova, Matinhas, Serra Redonda, Massaranduba, Juarez Távora, Gurinhém, Mulungu e Alagoinha.



Figura 1 - Localização geográfica do município de Alagoa Grande, Paraíba, Nordeste do Brasil
Fonte: Ramon Santos Souza, 2013.

A população do citado município é estimada em 28.479 habitantes, com uma densidade demográfica correspondente a 88,84 hab/km², apresentando um clima quente e úmido, a 143 metros acima do nível do mar e emancipada em 26 de julho de 1865 (IBGE, 2010).

As dimensões territoriais de Alagoa Grande são formadas por um relevo muito diversificado, apresentando serra e vales, banhados por rios, lagoas e cachoeiras, como é possível observar em sua paisagem. Seguindo para o sentido oeste desse município, encontramos a Serra de Caiana, como é conhecida na região, sendo a mesma uma área muito alta que antes apresentava um difícil acesso a qualquer tipo de transporte.

Caiana dos Criolos compreende uma área de aproximadamente 200 hectares, com cerca de 100 famílias, que ainda não têm a posse da terra. Na comunidade existe a Escola Municipal de Ensino Fundamental Santino Firmino da Silva, com cerca de 300 alunos matriculados (MELO E RODRIGUEZ, 2012). Essa comunidade realiza um intercâmbio de atividades com o centro urbano desse município, a exemplo da comercialização de seus produtos na feira livre.

3.2 FATOS HISTÓRICOS

O município de Alagoa Grande traz em sua história um legado de exploração desse território que desde os anos de 1625 passou a ser palco de expedições que marcaram todo seu processo de formação.

Foi pouco antes da invasão holandesa. No comando de uma expedição, em 1625, Manoel Rodrigues deixou Mamanguape, ganhando o rumo do Brejo paraibano. Subindo o rio Mamanguape, chegou ao local onde hoje se ergue a cidade de Alagoa Grande, no ponto em que se dá afluência com o rio Mandaú. O homem branco havia tocado pela primeira vez o solo alagoagrandense (FREIRE, 1996, p. 27).

Segundo relatos históricos de pessoas com mais de 80 anos de idade que sempre viveram nesse município, donos e herdeiros de antigos engenhos e o historiador local, professor José Avelar Freire, Alagoa Grande, entre os séculos XVIII e XX, foi muito explorada no que diz respeito a suas potencialidades agrícolas. Os mesmos relatam que no

início da implantação das atividades agrícolas locais, trabalhando a cana-de-açúcar e a criação de gado bovino, a presença da força do trabalho de negros escravizados, também faz parte da história do povo alagoandense.

Nessa localidade, acredita-se que devido ao difícil acesso ao local, existe da remanescente de quilombo de Caiana dos Criolos que, ainda sem data definida da locação dos mesmos ao citado local, já se fazia refúgio de negros africanos submissos ao trabalho escravo implantado na época em todo território.

Nem mesmo os mais experientes remanescentes quilombolas dessa comunidade sabem ao certo como seus antecessores chegaram àquela localidade. Ao entrevistar uma das lideranças locais, uma mulher experiente, respeitada e considerada por todos da comunidade, em plena produção do estudo do meio do citado local, a senhora dona Edite, como assim é chamada por todos, afirmou não reconhecer o ano em que ali se instalaram, confirmado apenas que ali chegaram refugiados da opressão da escravidão aplicada pelo homem branco na época da colonização exploradora do Brasil.

A concepção de quilombo está diretamente associada à questão de lutas e resistências, pautadas na condição de igualdade social. A resistência empregada pelos escravos se dinamizava em formas aleatórias, como meio de se libertarem de tanto sofrimento e opressão, realizando ações que pudessem de alguma forma colocá-los distanciados do mundo dos brancos.

Entre as formas de resistência podem ser citadas: a prática do trabalho lento, a quebra de ferramentas, o incêndio de plantações, o assassinato de senhores de terras e feitores, o suicídio, bem como a fuga individual ou coletiva, independente de idade ou sexo, para lugares denominados de quilombos, onde estes formavam grupos de escravos fugidos (MOREIRA, 2009, p.27).

Essa realidade se fez presente nos diversos meios de produção econômica controlada pela coroa e burguesia existente no Brasil, promovendo revoltas e resistências, fugas de escravos e enfrentamentos, ocasionando o surgimento de um refúgio.

3.3 CONTEXTO SOCIAL

Como pode ser constatado ao se visitar a comunidade estudada, a mesma apresenta um grande legado histórico com sua cultura oriunda da África, mas realizando suas tarefas diárias de forma que buscam o reconhecimento de seus valores perante a sociedade contemporânea. Ainda assim, é possível constatar em alguns fatores a influência da modernidade, os colocando numa constante Globalização.

A televisão, o rádio, a telefonia fixa e de celulares, já não são há muito tempo uma ferramenta de comunicação impossível de se encontrar nas casas dos habitantes daquele local, além da grande influência das redes sociais, que atingem como alvo principal os jovens, apresentando a eles as ações do processo de Globalização de forma instantânea.



Figura 2 - Estudo do Meio da Remanescente de Quilombo de Caiana dos Criolos
Fonte: Realizado pelo autor, 2012

Segundo dona Edite, grande baluarte de Caiana dos Criolos, muitos de seus parentes e outros moradores do local já migraram para outros lugares, a exemplo de uma grande quantidade de pessoas que residem no centro do município de Alagoa Grande, e outros grandes centros como João Pessoa, Rio de Janeiro e São Paulo. Para ela, todos foram embora por vários motivos, sendo um deles, a grande oferta de emprego lá fora. Indo embora na maioria das vezes os homens que, em seguida, ao se adaptarem a sua nova realidade, levam seus filhos e esposas.

A comunidade desenvolve atividades agrícolas de subsistência, como também comercializa o excedente de sua produção na feira livre de Alagoa Grande, aos sábados. Atualmente, os meios de transporte utilizados pelos remanescentes são motos e transportes coletivos, poucos ainda realizam o trajeto de mais de 13 km que liga a comunidade ao centro do município a pé ou no lombo de animais como era de costume.

No panorama político partidário a comunidade é vista pelos políticos locais como uma área de decisão de votos nos pleitos eleitorais, mas, segundo alguns moradores entrevistados, os políticos pouco fazem por essa comunidade, realizando apenas visitas e distribuindo promessas em períodos de campanha. Alguns membros dessa comunidade, já se candidataram ao cargo de vereador do município de Alagoa Grande, mas foram inelegíveis devido à ausência de votos suficientes para eleger os mesmos. Por fatos “desconhecidos”, a maioria da comunidade deposita seus votos em candidatos que demonstram em seu mandato de quatro anos não terem nem tipo de compromisso com tal comunidade.

4 RECONHECIMENTO DA REMANESCENTE DE QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIOLOS

Para iniciarmos todo processo aplicado ao desenvolvimento do estudo do meio, necessita-se de um planejamento interdisciplinar, envolvendo a contribuição crítica dos professores e alunos envolvidos, como já foi discutido no capítulo anterior. As orientações preliminares se dão ao passo em que se escolhe um local a ser observado, investigado, visitado, discutido e compreendido. Para Giansanti (2009), esse tipo de atividade, fundamenta-se na observação e vivência de uma dada realidade, complementada e aprofundada em estudos feitos em sala de aula.

A escola em que ocorreu o desenvolvimento desse projeto foi o Sistema Dinâmico de Ensino, também localizada no município de Alagoa Grande-PB. A turma que participou deste estudo do meio, foi o 8º ano 'A', com um total de 20 alunos. Essa turma foi escolhida para realizar a observação da comunidade de Caiana dos Criolos por se encontrar trabalhando no 4º bimestre na disciplina de Geografia o continente africano e sua relação com o mundo, surgindo, então, a oportunidade de produzirmos o conhecimento interdisciplinar por meio dessa discussão.

O desenvolvimento desse estudo seguiu os passos de uma metodologia descrita por Pontusha; Paganelli e Cacete, (2009), dividindo o estudo do meio em cinco etapas. Em seu primeiro momento, o qual se refere a apresentação e aceitação da proposta da realização dessa atividade, compreende o encontro dos sujeitos. Trata-se do contato da proposta com seus interlocutores primários, ou seja, com os professores e a coordenação da escola onde pretende-se desenvolver esse estudo. Na ocasião, apenas os professores das disciplinas de História e Artes aceitaram participar desse Estudo do Meio, com a aprovação da coordenação da escola.

Em seguida, foi trabalhada a etapa correspondente à visita preliminar à opção pelo percurso, tratando-se de uma localidade já visitada em outros momentos pelos professores, a escolha das datas da realização das atividades em classe e no campo, o transporte utilizado, e outros recursos para realização do Estudo do Meio de Caiana dos Criolos.

4.1 METODOLOGIA

Cada disciplina envolvida teve a responsabilidade de trabalhar com os alunos, em sala de aula, textos e pesquisas que se aproximassem o máximo do que poderíamos encontrar em Caiana dos Criolos. Apesar do pouco material literário voltado para essa comunidade, todo grupo se esforçou na construção preliminar do conhecimento do local a ser estudado.

As disciplinas envolvidas empregaram a prática da contextualização, fazendo uso do confronto literário sobre os fatos que envolvem a comunidade descendente de africanos no Brasil oriundos do processo escravocrata colonial iniciado a partir do século XVI, com a presença real desse povo na zona rural do município de Alagoa Grande-PB e outras realidades. A interdisciplinaridade também fez parte desse processo integrando a construção de novos saberes referentes à comunidade trabalhada através de um Estudo do Meio. Tanto a contextualização como a interdisciplinaridade são mencionadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, a ponto de contribuir diretamente com o processo de ensino e aprendizagem na educação brasileira.

Com essa metodologia empregada, foi possível conhecer um pouco mais sobre o objeto de estudo investigado de forma diversificada, explicada por três disciplinas, cruzando informações que contribuirão para a formação do conhecimento do lugar. Ainda nessa etapa da realização do Estudo do Meio sobre Caiana dos Criolos foi possível, e conveniente, decidir sobre a forma que os alunos seriam avaliados e como, também, seriam observados pelos professores os pontos que deveriam ser melhorados, caso existissem.

Essa etapa da metodologia empregada corresponde ao que PONTUSHA; PAGANELLI e CACETE (2009) chamam de planejamento, ou seja, é o momento em que se trabalha a organização das formas que serão utilizadas no ato da realização do Estudo do Meio antes, durante e depois.

Seguindo as etapas postas pelas autoras, integrando-as ao processo de contextualização e interdisciplinaridade, se concretiza a produção do caderno de campo, constando todas as informações cabíveis sobre esse Estudo do Meio. O caderno de campo apresenta de forma esquelética toda trajetória desse trabalho, mostrando desde o encontro dos sujeitos, até os resultados encontrados nessa pesquisa.

Aplicando a etapa complementar da metodologia ora empregada, a pesquisa contextualiza as formas preliminares do conhecimento sobre a comunidade, no momento em que ocorre o contato com o objeto de estudo. Daí surge em meio à interdisciplinaridade dos saberes a construção do conhecimento entre professores, alunos, disciplina e comunidade. Também nessa etapa final ficou decidido entre os envolvidos que a forma de avaliação seria pautada na confecção de um relatório individual, contendo informações das áreas trabalhadas encontradas no local estudado, contextualizado-as com as aulas que antecederam esse estudo, podendo também serem acrescentadas outras observações.

4.2 O ESTUDO DO MEIO E O EMPREGO DO CONHECIMENTO LITERÁRIO SOBRE A COMUNIDADE ESTUDADA

O processo de desenvolvimento das aulas em sala de aula ocorreu de forma prévia, sendo trabalhadas pelas três disciplinas de forma que cada disciplina desenvolveu discussões acerca dos conteúdos correspondentes a suas respectivas áreas. Por exemplo: a disciplina de Geografia procurou trabalhar a localização geográfica de Alagoa Grande e consequentemente de Caiana dos Criolos e a dinâmica de sua paisagem; a disciplina de História relacionou a vinda dos negros africanos para o Brasil no período colonial com o povo daquela comunidade; e a disciplina de Artes, trabalhou sobre a cultura local, dando ênfase à Ciranda.

Cada disciplina trabalhou seus conteúdos em duas aulas que antecederam a aula de campo desse Estudo do Meio. Essas aulas foram realizadas nos dias 12, 13 e 14 de novembro de 2012. A primeira data foi trabalhada pela disciplina de Geografia, a segunda pela disciplina de História e a terceira pela disciplina de Artes, buscando durante todo momento, despertar nos alunos curiosidades sobre o local a ser estudado, como também considerando algumas informações trazidas pelos mesmos para sala de aula.

No caso da disciplina de Geografia as aulas foram desenvolvidas da seguinte forma: apresentação do conteúdo que estava voltado para a localização geográfica e a paisagem da remanescente de quilombo de Caiana dos Criolos, utilizando mapas representativos do global ao local e apresentação de imagens do percurso até Caiana dos Criolos, como

também imagens da comunidade. A disciplina procurou apresentar de forma primária a realidade que os alunos poderiam encontrar no momento de contextualização dos fatos.

A disciplina de História apresentou um slide, retratando todo processo da vinda dos africanos escravizados para o Brasil, como foram tratados, as leis que buscavam disseminar a escravidão e os preconceitos contemporâneos com esse povo. A disciplina trabalhou também as formas de resistência dessa gente, retratadas nas fugas para locais de difícil acesso, dando origem aos quilombos, ou seja, comunidades de origem africana instadas em vários locais estratégicos em nosso território brasileiro em busca de liberdade, dignidade e direito à vida como todas as outras pessoas.

Com relação à disciplina de Artes, a mesma trouxe para a sala de aula um pouco da cultura local de Caiana dos Criolos, retratada nas cantigas de coco de roda e ciranda. O regente da disciplina trabalhou a musicalidade popular dessa comunidade, sempre buscando mostrar para os alunos que em seus versos e rimas procuram expor seus hábitos diários, suas vivências no trabalho, a criação dos filhos, a partida de alguns para outras localidades, a perda de entes queridos, os relacionamentos amorosos e também muitas informações contidas no que diz respeito a afro descendência.

No encerramento das exposições das aulas, os regentes das disciplinas envolvidas, se reuniram para analisar entre os mesmos o interesse dos alunos sobre os conteúdos apresentados. Foi percebido também que todos os alunos, mesmo a maioria sendo do município, desconheciam as informações apresentadas, sabendo apenas que em Caiana dos Criolos existia uma comunidade que, em parte, se diferencia da comunidade urbana de Alagoa Grande, como também de outras comunidades rurais.

4.3 A CONTEXTUALIZAÇÃO E AULA DE CAMPO

Após a realização preliminar do Estudo do Meio que corresponde a toda preparação em sala de aula, é chegada a hora de contextualizar, de forma interdisciplinar, todo conhecimento prévio com a realidade local da comunidade estudada. Por volta das sete horas da manhã do dia vinte e um de novembro de 2013, os envolvidos nesse estudo partiram da escola onde foi desenvolvido esse Estudo do Meio em direção à remanescente

de quilombo de Caiana dos Criolos, localizada cerca de 13 Km de distância da sede do município de Alagoa Grande. Durante todo percurso os alunos fotografavam a paisagem comprometida pelo clima local, realizavam perguntas e demonstravam-se ansiosos em chegar até a comunidade.

Alguns deles admiraram a garra daquela gente, por se encontrarem tão longe do centro urbano, em um lugar tão dificultoso aos seus olhos de observador. Outros comentavam a importância que Caiana tem para a nossa história, demonstrando desde então o reconhecimento de nossas origens.

O local de apoio foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Firmo Santino, onde fomos recebidos pela então diretora Lucia Júlio, que apresentou aos alunos o espaço da escola e seus funcionários, demonstrando uma grande satisfação em receber nossa visita. A diretora, tendo o conhecimento prévio do que se tratava a visita, preparou um material sonoro para que fossem utilizados por todos.

De início, a diretora Lucia Júlio deu as boas vindas a todos, agradecendo a visita, falando sobre a importância do reconhecimento de nossa história. Ela também, se disse lisonjeada por se considerar negra, relatando o valor de sua etnia e a luta contra o preconceito étnico racial no Brasil e no mundo. Segundo a diretora a data escolhida para visita não poderia ser melhor, pois tratava-se de uma data em que comemorar-se-ia no Brasil o dia da consciência negra, marcado pela perseguição a um dos grandes vultos históricos pela luta da liberdade dessa gente em nosso território: Zumbi dos Palmares.



Figura 3 - Estudo do Meio da Remanescente de Quilombo de Caiana dos Criolos
Fonte: Realizado pelo autor, 2012

Os alunos leram textos produzidos pelos mesmos sobre a importância da cultura africana no Brasil, professores revelaram a satisfação de trabalhar educacionalmente com a comunidade e a importância de preservar seus valores. Quanto aos outros presentes, faz-se referência a uma grande pessoa da comunidade, respeitada por todos, mediante seu reconhecimento popular, sua postura digna de nunca ter negada ser negra, a senhora conhecida por Dona Edite.

Dona Edite coordena um grupo de ciranda em Caiana dos Criolos que já se apresentou em diversas cidades e universidades, inclusive no Distrito Federal. A mesma conta que se preocupa demais com a continuação dos valores da comunidade, preocupando-se muitas vezes com a partida de alguns membros de Caiana para outras cidades em busca de emprego, mediante as dificuldades, podendo os mesmos correrem o risco de perder suas origens.

Os alunos que faziam parte da realização desse estudo começaram a interagir realizando perguntas sobre o local, a exemplo de como foi que aquele povo chegou a tal localidade; que procedimentos eram tomados durante os nascimentos das crianças; se os governantes desenvolviam algum tipo de política pública voltada para a valorização e reconhecimento da comunidade; entre outras. Dona Edite e outras professoras, relataram que ainda precisam de mais atenção por parte de nossos governantes, que sempre é bem vinda qualquer tipo de ajuda, e que não se sabe ao certo a data que ali chegaram. Quanto ao nascimentos das crianças, a líder comunitária declarou:

“Muitas crianças nasceram aqui mesmo em Caiana, e eu foi parteira durante muitos anos, ajudei a muita mulher ter seus filho, isso me deixa muito feliz. Agora as mãe tem seus filho no hospital de Alagoa Grande, Campina e Guarabira. Aos pouco tudo mudou”.

Os alunos também aproveitaram a oportunidade e agradeceram a todos por permitirem que fosse possível a realização desse estudo, além de declararem se encontrar impressionados com a educação dos alunos da comunidade, e lisonjeados com a receptividade e acolhimento que receberam. Em seguida, os alunos se dispersaram, e começaram a realizar perguntas diversas, tantos aos alunos da comunidade como aos professores e funcionários da escola, em busca de conhecer um pouco mais sobre as curiosidades da remanescente de quilombo de Caiana dos Criolos.

4.4 O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO ESTUDO DO MEIO DE CAIANA DOS CRIOLOS

Esse processo avaliativo correspondente aos resultados da concretização desse Estudo do Meio se deu de forma dialogada entre os alunos e as disciplinas trabalhadas. Em um espaço de duas aulas (noventa minutos), todos os alunos leram suas observações e fizeram seus comentários sobre o que encontraram na comunidade estudada, alegando a grande importância que se tem ao conhecer um pouco mais dos valores existentes a sua volta, muitas vezes despercebidos.

Como foi discutido nas aulas da disciplina de Geografia, em geral, os alunos contextualizaram as tipologias climáticas, vegetativas e paisagísticas do que realmente venha a ser o Agreste paraibano, dando ênfase às dificuldades assistenciais que tal comunidade vem sofrendo. Compreenderam que a dificuldade do acesso à comunidade de Caiana dos Criolos se pauta em um estabelecimento de resistência concentrado em uma porção do relevo alagoagrandense bem elevada em relação ao centro do município, apresentando uma beleza natural incontestável, como assim descreveram.

Questionaram também sobre as poucas habitações encontradas no trajeto fora do perímetro urbano de Alagoa Grande em direção à comunidade. Também observaram o fato de a maioria dos remanescentes de quilombo serem parentes, colocando em pauta na apresentação avaliativa o questionamento da possibilidade de ali ter se instalado poucas famílias, que ao logo dos anos se multiplicaram. Com isso, segundo observação do grupo, eles acreditam que as famílias que ali se estabeleceram na formação inicial do quilombo chegaram datas aproximadas e relacionaram constituindo um grande laço familiar.

No que diz respeito à produção do conhecimento na disciplina de História, os alunos relataram de forma enfática a questão da cor da pele da maioria dos remanescentes. Também absorveram as informações dadas pela comunidade quanto o clareamento da cor de seus descendentes, sendo esse fato relacionado com a formação matrimonial entre alguns remanescente e povos de outras áreas rurais circunvizinhas, e até mesmo da zona urbana de Alagoa Grande, Matinhas, Alagoa Nova, Massaranduba e Serra Redonda.

Quanto às constatações relacionadas à disciplina de Artes, o grupo se sentiu lisonjeado de ter tido a oportunidade de partilhar alguns minutos de suas vidas com uma das lideranças locais, a senhora conhecida como Dona Edite. Essa senhora retratou um

pouco das dificuldades de sua vida e da comunidade, além de improvisar alguns versos de ciranda demonstrando a satisfação do contato com o grupo.



Figura 4 - Avaliação dos resultados do Estudo do Meio

Fonte: Realizado pelo autor, 2012

A produção avaliativa dos alunos demonstrou para os professores das disciplinas envolvidas que os mesmos fortaleceram suas opiniões sobre a importância do respeito pelas outras culturas, na ocasião a afro descendente, bem como valor de conhecer nossas raízes históricas e culturais. Segundo as palavras de um dos alunos:

“o quem eu vi em Caiana dos Criolos, durante as poucas horas que lá estivemos, foi uma verdadeira aula no que diz respeito ao sentido de acreditar no que somos e no valor que temos. Eles são muito alegres, festivos e maravilhosamente receptivos. Pretendo visitar outras vezes essa comunidade durante outras aulas”.

Os agentes condutores desse Estudo do Meio observaram que a contextualização dos conteúdos trabalhados em sala de aula e interdisciplinaridade dos mesmos, proporcionam um estímulo a mais aos alunos, para que os mesmos despertem a necessidade da pesquisa e do conhecimento. Todo esse processo avaliativo promoveu um clima de satisfação de ambas as partes promovidas pelas produções do conhecimento constituídas pelo grupo de forma geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização dessa atividade fundamentou-se no registro da construção de novos saberes de uma comunidade, para que, de alguma forma, em tempos futuros, possa contribuir como informação para estudos direcionados ao local estudado e valorizar a prática do Estudo do Meio. Compreende-se que tanto os professores envolvidos nesse estudo como os alunos mergulharam nas entrelinhas do saber, realizando pesquisas, descobrindo novas informações, desenvolvendo uma relação entre a escola e o mundo lá fora.

Tanto para as aulas de Geografia como para as outras disciplinas curriculares, uma atividade a exemplo do Estudo do Meio, proporciona a quebra da monotonia cotidiana das aulas expositivas e dialogadas entre quatro paredes. O ambiente escolar, sem sombra de dúvidas, é um lugar ideal para a formação educacional de um indivíduo, mas em alguns momentos a contextualização dos fatos, as aulas de campo, bem como outras atividades interdisciplinares, possibilitam a formação do conhecimento de forma mais ampla, conduzindo alunos e professores à criação de novas perspectivas no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem.

Esse Estudo do Meio da remanescente de Quilombo de Caiana dos Criolos proporcionou um confronto direto entre as duas partes da construção do saber. De um lado, a informação, ou seja, a comunidade estudada e seus valores; do outro, a pesquisa, representada pelas leituras e registros das informações. A escola passa a ser uma instituição fundamental no processo de formação do conhecimento, de forma que leva todos os envolvidos em uma pesquisa como essa a compreenderem as transformações no espaço geográfico.

A busca de todo entendimento na produção do saber tem por objetivo despertar no aluno a importância da pesquisa, nos mais variados direcionamentos, fazendo com que os mesmos passem a valorizar sua história local, regional e global. Compreendendo essas três esferas, podemos considerar que o entendimento dos fatos atuais tiveram uma longa trajetória até a consolidação do que é hoje. Com isso, o aluno passa a olhar para o futuro com um senso crítico construtivo, se sentido valorizado na sociedade em que vive por fazer parte da construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Livia Iglesias. **A aplicação de metodologias para uma educação geográfica na 5ª série do ensino fundamental.** In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **AGEOGRAFIA NA SALA DE AULA.** 8 ed. São Paulo Contexto, 2010.

ANTUNES, Celso. **Professores e Professauros: reflexão sobre a aula e práticas pedagógicas diversas.** 2 ed. Petrópolis – RJ. Vozes, 2008.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos.** São Paulo. Cortez, 2005.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069,** de 13 de julho de 1990

BRASIL. Ministério da Educação, **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio,** Brasília: INEP, 1999.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96.** Brasília: 1996

BUITONI, Marísia Margarida Santiago (Coord.). **GEOGRAFIA: ensino fundamental –** Coleção Explorando o Ensino. Brasília-DF. Ministério da Educação, 2010.

CALLAI, Helena Copetti. **Estudar o lugar para compreender o mundo.** In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **ENSINO DE GEOGRAFIA: prática e textualizações no cotidiano.** 7 ed. Porto Alegre-RS. Editora Mediação, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A geografia na sala de aula.** 8 ed. São Paulo. Contexto, 2010.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de geografia: prática e textualizações no cotidiano.** 7 ed. Porto Alegre-RS. Editora Mediação, 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial.** São Paulo-SP. Editora Ática, 1986.

FREIRE, José Avelar. **Alagoa Grande: aspectos econômicos e fatos outros da sua história.** João Pessoa. Editora Ideia, 1996.

GIANSANTI, Roberto. **Atividades para aulas de geografia: ensino fundamental – 6º ao 9º ano**. 1 ed. São Paulo, Nova Espiral, 2009.

KAERCHER, Nestor André. **Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas de geografia para além do livro didático**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. ENSINO DE GEOGRAFIA: prática e textualizações no cotidiano. 7 ed. Porto Alegre-RS. Editora Mediação, 2009.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: Questões e propostas**. São Paulo. Editora Contexto, 2008.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. **Reflexões sobre o estudo do território**. In: BUITONI, Marísia Margarida Santiago (Coord.). GEOGRAFIA: ensino fundamental – Coleção Explorando o Ensino. Brasília-DF. Ministério da Educação, 2010.

HUERTA, D. M. **Além do aspecto puramente acadêmico: o trabalho de campo como uma verdadeira experiência de vida**. In: Geousp – Espaço e Tempo, São Paulo-SP, 2007.

LOPES, Claudivan S.; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Estudo do meio: teoria e prática**. Geografia (Londrina). V. 18. nº 2. 2009.

MELO, Antônio Sérgio Tavares de; RODRIGUEZ, Janete Lins. **Paraíba: desenvolvimento econômico e a questão ambiental**. 3 ed. João Pessoa-PB. Editora Grafset, 2012.

MOREIRA, Alecsandra P. da C. **A questão racial no brasil e as estratégias de resistência negra**. Dissertação de Mestrado. UFPB. PPGG, 2009.

PICOLI, Fiorelo. **O capital e a devastação na Amazônia**. São Paulo. Expressão Popular, 2006.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **O conceito do estudo do meio transforma-se em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes**. In: Vesentini, J. W. (Org.) O ensino de geografia no século XXI. Campinas – SP. Papirus, 2004.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núbia Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. 3 ed. São Paulo. Cortez, 2009.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção o conhecimento: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 4 ed. São Paulo. Rêpel, 2012.

SANTOS, Rosselvelt José; COSTA, Cláudia Lúcia da; KINN, Marli Graniel. **Ensino de geografia e novas linguagens**. In: BUITONI, Marísia Margarida Santiago (Coord.). GEOGRAFIA: ensino fundamental – Coleção Explorando o Ensino. Brasília-DF Ministério da Educação, 2010.

SUERTAGARAY, Dirce Maria Antunes; ROSSATO, Maria Suertagaray. **Natureza: concepções no ensino fundamental de geografia**. In: BUITONI, Marísia Margarida Santiago (Coord.). GEOGRAFIA: ensino fundamental – Coleção Explorando o Ensino. Brasília-DF. Ministério da Educação, 2010.

VESENTINE, José Wiliam. **Educação e ensino em geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). AGEOGRAFIA NA SALA DE AULA. 8 ed. São Paulo. Contexto, 2010.

www.ibge.gov.br/cidades (Acesso em 20/06/2013).